

*A. C. Portinari Greggio

A guerra cultural está aí, e não é apenas questão de cultura



No último artigo, diz íamos que a Direita encarna a Nação Brasileira. Por que? Pela simples razão de que a Esquerda tem, como objetivo estratégico, a dissolução das nações. Quem se opõe à Esquerda, portanto, defende a Nação. E como a Nação não é apenas uma ideia, mas se materializa na forma de pessoas, segue se que os que a defendem também a encarnam. A Direita ama a certeza, a ordem, a segurança, a disciplina, a competência, a limpeza. Mas é dispersa, perplexa e confusa. Não porque lhe falte inteligência. Sua desorientação se deve ao fato de viver em ambiente saturado de ideologia hostil, nas escolas, nas universidades, na política, na mídia, nas artes, em todos os domínios de expressão e comunicação. O que falta à Direita é uma coerente doutrina científica que lhe permita enfrentar e vencer a guerra cultural, a mais importante de todas as guerras.

Pois se a guerra clássica é ato de força para compelir o inimigo a fazer nossa vontade, a guerra cultural é tão insidiosa que pode resultar em que o inimigo se aposses de nossas mentes a ponto de substituir nossa vontade pela sua.

Não parece fantástica, essa possibilidade de transformar pessoas, governos e nações em zumbis, a agir guiados por vontade alheia, convictos de que o fazem por sua própria vontade? Nem tanto. Qualquer psicólogo que tenha efetuado experimentos com hipnotismo pode confirmar esse fato com relação a

indivíduos ou pequenos grupos

. O estranho fenômeno do efeito pós-hipnótico, que tanto impressionava os psiquiatras no final do século 19, demonstra sem dúvida quanto é possível manipular a mente e até voltá-la contra os interesses do indivíduo, sem que este se dê conta disso. Pois bem: o que se pode fazer com **pessoas**

, pode-se fazer com

nações inteiras.

Provas? Poderíamos citar tantos exemplos dos últimos cem anos que, no fim das contas, **concluiríamos que as guerras em defesa de legítimos interesses nacionais foram exceção na História recente; e quase todas essas exceções foram guerras perdidas pelas nações vencidas. Não é de espantar porque foi justamente nesse mesmo período os últimos cem anos que surgiram os meios de comunicações e de propaganda de massas, os quais permitiram essa anomalia, nunca antes verificada na história da Humanidade. Foi graças a esses instrumentos de dominação psicossocial que se constituiu a não tão-misteriosa oligarquia apátrida que vem controlando o Ocidente desde o começo do século 20.**

Vivemos, portanto, numa era em que os reais interesses dos povos e das nações são sistematicamente antagonizados pela oligarquia apátrida. Raciocinemos. Qual o principal interesse dum povo e dum nação? A mais óbvia resposta é: existir e prosperar. Qual o principal objetivo da oligarquia apátrida? Convencer os povos a abrir mão de sua identidade nacional – ou seja, a suicidar-se como povos – e a aceitar a liquidação de suas nações, mediante a dissolução das fronteiras e a gradativa – integração – em entidades supranacionais, até a final instituição dum só comunidade global. Prestem atenção: essa é exatamente a propaganda que se faz por todos os meios ao nosso redor. É a guerra cultural contra – nós, feita na nossa cara, e aceita por muitos de nós como coisa nossa.

Pense bem, caro leitor. A mera existência dessa oligarquia não seria problema em si, se ela emanasse dos povos e se identificasse com as respectivas nações. Afinal, o mundo sempre foi dominado por minorias. Nada de mais.

O problema é que a nova oligarquia não se identifica com as nações e povos dominados (pois é apátrida). É uma elite hostil, inimiga, cuja – existência exige a liquidação dos povos e nações dominados

. Embora use os direitos humanos da ONU e apregoe a – democracia – e o – Estado de Direito –, a elite hostil desconfia dos povos – especialmente do povão de cada país, a camada mais refratária à sua propaganda. Ela participa da política, adora eleições livres, mas não difunde sua agenda estratégica, a qual só se faz conhecida quando imposta na prática, sem aviso prévio, de cima para baixo: aborto, homossexualismo, pedofilia, invasão imigratória, depravação de costumes, incivilidade, dezenas de programas destinados a dissolver as famílias e todas as demais instituições sociais que alicerçam as nações. A guerra cultural, portanto, não consiste apenas em disputa sobre modos de pensar ou ideologias. É questão de vida ou morte.

Repetindo o que dissemos no artigo anterior. A oligarquia internacional é real e visível, seus agentes são familiares. A maioria age de boa-fé, achando que presta serviços à Humanidade. Sua agenda não é anunciada, mas nem por isso é secreta: resume-se na liquidação das nações por dentro e pelas bases, sem que as vítimas reajam ou sequer percebam o processo.

Resta saber porque existe, como se organiza e como atua.

* Economista